

# Destino de Eça de Queirós na Roménia através das traduções

Micaela Ghițescu

FOI NA DÉCADA DE 1920 QUE PARECEU PELA primeira vez escrito o nome de Eça de Queirós na Roménia: o Prof. Alexandru Popescu-Telega, pioneiro dos estudos ibéricos no meu país, publicou em revistas traduções – feitas através do espanhol – dos contos *O Defunto*<sup>1</sup> e *O Tesouro*<sup>2</sup>, assim como de trechos do romance *O Mandarim*<sup>3</sup>.

Seguiu-se um longo hiato – de quase 40 anos – até que, em 1968, aceitei a proposta dum editorial de traduzir *O Crime do Padre Amaro*<sup>4</sup>, que viria a ser não apenas o primeiro livro em português por mim traduzido, mas também o primeiro romance queirosiano integralmente vertido para o romeno.

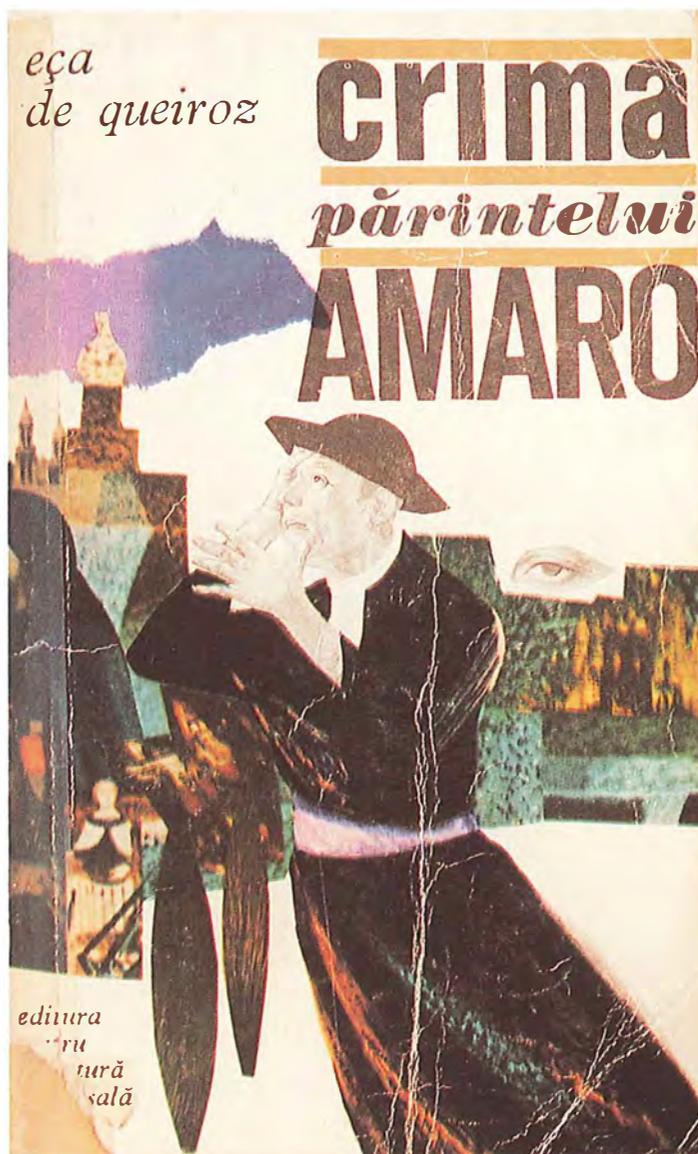
Quase autodidacta na aprendizagem do português, confesso que para mim foi uma felicidade penetrar pouco a pouco nos segredos deste idioma até alcançar um nível conveniente que permitisse descobrir o mundo desconhecido da literatura portuguesa. Sendo a chave para eu poder abrir a porta para esse mundo a descobrir nem mais nem menos do que Eça, posso julgar-me feliz e cheia de sorte!

Seguiram, a intervalos mais ou menos regulares, as minhas traduções de *A Relíquia* (1972)<sup>5</sup>, *Os Maias* (1978)<sup>6</sup> e *O Primo Basílio* (1983)<sup>7</sup>; e, em 1987, *A Cidade e as Serras*<sup>8</sup>, na tradução de Mioara Caragea. Também introduzi a minha versão do conto *O Defunto* numa antologia do conto português projectada em três volumes, cujo primeiro já saiu em 1999 sob o título *O Homem das Fontes e Outros Contos Portugueses*<sup>9</sup>.

Mas, voltando a *O Crime do Padre Amaro*, cabe dizer que naquela época, i.e. nos anos de 60, os recursos disponíveis para um lusófilo da Roménia eram escassos. Não existiam manuais apropriados: o único livro de que dispunha o pequeno grupo de entusiastas, animado – durante apenas um ano académico – por um professor também autodidacta e entusiasta,

Texto parcialmente apresentado durante o 2º Encontro Internacional de Queirosianos (Coimbra, 1992) e publicado na revista «Quierosiana», nº 7/8, Dez. 94 / Julho 95.

era um manual russo, publicado em Moscovo. Mas acontecia que nós, «gatos escaldados» pela permanente ameaça do *Big Brother* de Leste, procurávamos deitar tímidas olhadelas por cima da Cortina de Ferro só em direção do Ocidente, por tanto não sabíamos russo, mas pudemos aproveitar os textos – exclusivamente brasileiros – inseridos naquele manual. Tão pouco existiam discos para a aprendizagem do português. E mesmo – coisa que vai estender-se até 1983, enquanto a minha tradução de *O Crime do Padre Amaro*, repito, datava de 1968 – não havia dicionários. (Felizmente, ao ir-se embora o professor que inaugurou na Roménia as aulas de português e hoje ensina numa qualquer universidade da Califórnia – ao ir-se embora, pois, esse professor legou-me o seu grande dicionário Português / Francês – Francês / Português, uma edição antiga do *Dicionário Prático Ilustrado* e a *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes.) E, também, quase não havia precedentes de traduções, pois as obras que tinham conseguido atravessar o véu de indiferença que envolvia a literatura portuguesa entre nós eram poucas (excepto *Os Lusíadas*, *Servidão* de Assis-Esperança, *O Trigo e o Joio* de Fernando Namora e *A Casa na Duna* de Carlos de Oliveira) ou, então, foram geralmente traduzidas através de uma língua intermediária (como *O Defunto*, já mencionado, traduzido do espanhol; e *Fanga*, de Alves Redol, publicado em 1952, traduzido do russo). A título de curiosidade, e para mostrar de que maneira se difundia a literatura portuguesa – e não só ela – entre nós no período posbélico, gostaria de citar trechos do prefácio à *Fanga*, também traduzido do russo e assinado por S. Vorobiev: «Os monopólios anglo-americanos sufocaram definitivamente a fraca indústria nacional de Portugal... Na sua política de escravização do



povo português, os imperialistas anglo-americanos apoiam-se na aliança com a reacção feudal e a pequena-burguesia... Com o fim de preparar Portugal a tornar-se a base estratégica duma agressão contra a União Soviética e os países de democracia popular, os Estados

*O Crime do Padre Amaro.*

*Unidos da América puseram a sua disposição créditos suplementares» etc., etc., etc.*<sup>10</sup>.

Tais textos substituíam, para o leitor romeno, todo o conhecimento dos autores, porque tão-pouco dispúnhamos de histórias literárias ou de trabalhos de exegese. Só em 1979 (isto é, 11 anos após a saída de *O Crime do Padre Amaro*, 7 anos após a de *A Relíquia*, 1 ano após a de *Os Maias*) publicaram-se na Roménia *Uma Breve História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva<sup>11</sup>, e *Preliminares a uma história da literatura portuguesa*, de Roxana Eminescu<sup>12</sup>. No entanto, para mim, pessoalmente, isso não foi um impedimento: pelo contrário, obrigou-me a estudar profundamente o autor por traduzir nos livros que, pouco a pouco, vim a juntar, o que me permitiu finalmente escrever extensos prefácios ou posfácios (abrangendo até 25 páginas). Só para *O Crime do Padre Amaro*, minha primeira tradução, não me atrevi a ultrapassar uma simples notícia bio-bibliográfica de uma página!

Mas o que realmente constituía um impedimento nos primeiros tempos da minha actividade de tradutora de literatura era o facto de não conhecer Portugal e de quase nunca ter a oportunidade de falar português. Ter da língua de partida apenas conhecimentos livrescos supõe muitas vezes executar a tarefa «com sangue, suor e lágrimas»... Lembro-me que, ao traduzir *O Crime do Padre Amaro*, procurava encontrar numa planta de Lisboa, adquirida com muitos sacrifícios, o Chiado, o Grémio Literário, a Casa Havanesa, e ao traduzir *Os Maias*, perguntava a mim própria o que podiam ser As Janelas Verdes. E acontecia isso numa época de grandes riscos para as pessoas que tinham correspondência com o estrangeiro.

Isso explica porque, depois da minha primeira e brevíssima – de 5 dias apenas – vinda

a Lisboa, ao traduzir *O Primo Basílio*, me alarguei voluptuosamente em notas de rodapé sobre Sintra, Oeiras, São Carlos, São Jorge, São Roque. Até que, no prefácio, numa nota sobre o lugar ocupado por Lisboa na geografia dos romances de Eça, escrevi isto: «Tive o privilégio de fazer parcialmente a 'peregrinação' Eça de Queirós, e posso dizer que o seu olho de repórter literário e espiritual, que me guiava, revelou-me uma Lisboa familiar e no entanto secreta, transposta no seu mundo próprio, – uma Lisboa que, de outro modo, me teria ficado talvez encoberta»<sup>13</sup>. Hoje, depois de ter vivido alguns meses em Lisboa, este meu deslumbramento de então faz-me ternamente sorrir...

Na Roménia, o costume de publicarem-se resenhas ou crónicas sobre livros traduzidos não está muito espalhado. Tive a sorte de os meus livros chegarem em mãos de um distinto português, exímio conhecedor do romeno, o Prof. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, que teve a amabilidade de escrever sobre as minhas versões dos romances queirosianos, encorajando-me numa compensação inesperada dos difíceis tempos de pioneiro. Ele disse, por exemplo, a propósito da publicação de *O Crime do Padre Amaro*: «O melhor elogio que lhe possamos tecer [à tradutora] parece-nos ser o facto de havermos lido [a tradução] num fôlego, quasesem nos lembrarmos de que não estávamos a reler o original português, de tal modo o texto romeno é fiel à letra e ao espírito de Eça»<sup>14</sup>.

Aliás, *A Relíquia* e *Os Maias* gozaram também doutras resenhas bastante extensas em revistas literárias romenas. Diz, por exemplo, Nestor F. Ignat a propósito de *A Relíquia*: «Escrito à primeira pessoa, com um espírito de observação implacável, tem o romance uma força de convicção especial. A hipocrisia, a beatice, o clericalismo são dissecados com lucidez,

a passagem do herói por situações e meios vários oferecendo ao autor a ocasião para construir uma imagem plástica e sugestiva, apesar de incompleta, da realidade portuguesa em fins do século XIX»<sup>15</sup>.

E Dan Grigorescu escreve: «O destino dos Maias que, num resumo de poucas páginas, daria ares de competir com as personagens de Ponson du Terrail, verifica-se ser a consequência perfeitamente natural de um movimento mais amplo. É o destino de toda uma categoria social. Na minha opinião são poucos, na literatura do final do século XIX, os romances que projectem uma imagem tão convincente, de uma cor tão viva, tão cheia de seiva, da aristocracia que se estava desmoronando, derribada pela sua própria impotência. [...] O livro de Eça de Queirós é um documento de alto valor da história da literatura europeia de há quase um século»<sup>16</sup>.

Em *Os Maias* se deteve de maneira extensa também Roxana Eminescu, no seu livro *Preliminares a uma História da Literatura Portuguesa*<sup>17</sup>, dedicando-lhes todo o VIIº capítulo, intitulado *O Realismo Ineluctável*. Ela delinea pelo menos duas leituras possíveis de *Os Maias*: «Encarado como uma crónica da vida lisboeta, o romance forma, juntamente com as outras criações do autor; uma 'comédia humana' no meridiano português. A antiga fidalguia, a burguesia activa e os burgueses faïnénants, os intelectuais novos e velhos confrontam os seus ideais e procuram às apalpadelas os valores dignos de serem cultivados. [...] O segundo nível de leitura do romance é [...] o da tradicional querela entre antigos e modernos, na ocorrência entre a poética romântica e aquela de um realismo entendido como naturalismo».

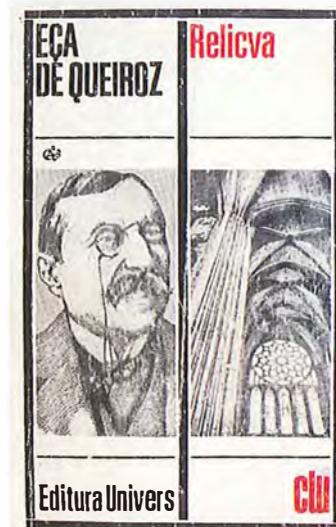
Analisando de maneira percuciente também *O Mandarim*, *A Cidade e as Serras*, *A Correspondência de Fradique Mendes* e *A*

*Ilustre Casa de Ramires*, Roxana Eminescu conclui: «Uma obra tão nova e complexa como a de Eça de Queirós não pode ser esgotada por análise alguma; como qualquer obra grande, ela oferece a cada um exactamente o que procura e refaz para cada época as perguntas especificamente obsessoras. [...] Esperamos porém ter conseguido sugerir a riqueza desse universo artístico e a importância do momento Queirós para a prosa portuguesa, que iria extrair doravante a sua seiva das ramificações destas raízes».

Traduzir para romeno – e, com certeza, não só para romeno, mas na minha língua isso é mais óbvio – supõe, claro, não só um bom conhecimento das duas línguas, mas aquele assim-chamado sexto sentido. Na minha língua há, pelo menos, dois planos linguísticos, o que explica porque, sendo uma língua novilatina, com uma estrutura gramatical muito parecida à do latim e com um léxico formado, na sua maioria, por vocábulos de origem latina, o romeno é no entanto difícil de entender por locutores das demais línguas românicas. Dizia um editor francês de origem romena, Dimitrie Tacou, director dos *Cahiers de l'Herne*, que, sendo o romeno uma língua poética, toda a obra estrangeira traduzida para o romeno ganha, e toda a obra romena traduzida noutra idioma perde! Vou exemplificar isto por meio de duas classes de textos.

Primeiro, um texto jornalístico qualquer, sobre os preparativos do Campeonato Europeu de Futebol de 2004:

«Jurnaliştii prezenţi la meciul Portugalia-România au primit un material documentar despre semnificaţia fotbalului pentru portughezi, o prezentare pe casetă a stadioanelor aflate în construcţie sau a celor ce se modernizează, totul într-o succintă, dar bogată istorie a fotbalului lusitan. Politicieni, oameni de cultură, oficialităţi locale, foste glorii sportive,



A Reliquia.



Os Maias

în total peste 30.000 de persoane, se vor ocupa de acum înainte de pregătirea și organizarea Euro 2004».

É uma linguagem normal, com muitos neologismos, claro, mas que toda a pessoa de um nível cultural médio pode entender; salientamos apenas o adjectivo *bogat* «rico», de origem eslava, e o substantivo *pregătire* «preparação», de origem albanesa, porém ambos inteligíveis graças ao contexto.

Vejamos agora um trecho de *A Relíquia*:

«Am dat și eu pinteni spre izvor, ca să nu-l părăsesc în pustietatea aceea pe neprețuitul bărbat. Era un fir de apă tulbure ce se scurgea dintr-o ulicioară, peste un rezervor săpat în stâncă. Alături sclipea, alb, scheletul mare al unui dromader. Ramurile unei mimoze singuraticice fuseseră arse de un foc de caravană. Departe, pe spinarea pleșuivă a unei coline, un păstor ce se profila negru pe cerul opalin înainta încet printre oile lui, cu sulia pe umăr. În trista mușenie din jur plângea izvorul.

Râpa era atât de pustie, încât mi-a venit în minte să las să putrezească acolo, laolaltă cu scheletul dromaderului, pachețelul de la Mary...

Iapa istoricului sorbea leneșă apa. Iar eu căutam, ici-colo, o prăpastie sau o baltă când deodată mi s-a părut că, lângă izvor și amestecându-și plânsul cu al lui, curgea și un plâns omenesc»<sup>18</sup>.

«Corri também à fonte, para não abandonar naquele ermo o precioso homem. Era um fio d'água turva, escorrendo duma quelha, sobre um tanque escavado na rocha. Ao pé branquejava, já partida, a grande carcassa dum dromedário. Os ramos duma mimosa, ali solitária, tinham sido queimados por um fogo de caravana. Longe, na espinha descarnada duma colina, um pastor, negro no céu opalino, ia caminhando devagar entre as suas ovelhas com a lança pousada no ombro. E na

sombria mudez de tudo a fonte chorava.

Aquela quebrada era tão deserta que me lembrou deixar ali a desfazer-se, como a ossada do dromedário, o embrulhinho de Mary...

A égua do historiador beberava com pachorra. E eu procurava aqui, além, um barranco ou um charco – quando me pareceu que junto da fonte, e misturando ao pranto dela, corria também um pranto humano»<sup>19</sup>.

Desta vez, o texto deve ser já mais difícil, quase incompreensível (a não ser palavras isoladas). No entanto, ao traduzir, respeitei escrupulosamente a estrutura das frases. O vocabulário é formado por palavras das seguintes origens: 63 vocábulos de origem latina, 11 de origem eslava, 5 de origem francesa, 3 de origem búlgara e 1 de etimologia desconhecida.

Então, que é que há? Há «alguma coisa», aquele «infiniment petit» que faz desequilibrar-se a balança, que permite ler em romeno traduções sem se lembrar de que não está a reler o original e, no entanto, como uma desdita, torna quase intraduzível o nosso poeta nacional Eminescu.

Vejamos, primeiro, os títulos. *Os Maias* (ou, então, *Les Rougon-Macquart*, em francês) não se pode traduzir tal qual em romeno. Um dos apelidos romenos mais frequentes é *Popescu*. *Os Popescus* pode, perfeitamente, traduzir-se por *Popesții*, mas com certo matiz depreciativo, como *Os tais Popescus*, matiz que *Os Maias* não tem. Por isso tive que acrescentar a palavra *família*: o título romeno é, pois, *Familia Maia*, maneira de dar a conhecer aos leitores, desde o início, que se trata de uma família respeitável.

A transposição dos modos e dos tempos verbais é uma das dificuldades maiores da tradução para o romeno, e mereceria um estudo à parte. Porque não só – no plano paradigmá-

tico – as duas línguas têm um número diferente de modos e tempos, mas também – no plano sintagmático – os modos e tempos comuns nas duas línguas não cobrem áreas funcionais idênticas.

Um exemplo talvez dos mais surpreendentes é a equivalência do Pretérito Indefinido do Indicativo português, que é, como se sabe, o tempo duma acção acabada no passado. Em romeno, na linguagem coloquial, o Pretérito Indefinido usa-se apenas regionalmente (na Oltênia). De uma maneira geral, e sobretudo nos diálogos – a não ser que se queira de propósito indicar a pertença do locutor à província da Oltênia – este tempo é substituído pelo Pretérito Composto. (No entanto, em narrações literárias, pode-se usar o Pretérito Indefinido, sendo então a coincidência funcional entre o romeno e o português quase perfeita.)

Pessoalmente, para dar mais fluência, vivacidade e naturalidade a um texto, prefiro utilizar, em romeno, o Pretérito Composto – que, aliás, usaria normalmente numa narração oral. As excepções que me permitem só confirmam a minha própria regra.

No trecho de *A Relíquia*, esta substituição é óbvia. No entanto, um pouco mais longe, usei excepcionalmente o Pretérito Indefinido. Vejamos o texto: «Gritei *pele jocundo Pote*» (p. 274), traduzido para romeno pelo Pretérito Composto: «*L-am strigat pe veselul Pote*» (p. 225). Mas, ao tratar-se da mulher que «falou *surdamente dum casebre queimado*», transposto por «*pomeni surd de o cocioabă arsă*», usei o Pretérito Indefinido, como tempo da narração – a da mulher – inserida na narração – a de Teodorico –, de propósito, para diferenciar os dois protagonistas.

Outra maneira de diferenciar a linguagem coloquial da estritamente literária mediante os modos temporais é a tradução do Infinitivo,

consecutivo a outro verbo num modo pessoal, pelo Conjuntivo romeno. Lembrome, dos meus primeiros estudos de francês – mas o mesmo se aplica ao português –, a regra sacrossanta «*quand deux verbes se suivent, le second se met à l'infinitif*». Voltemos ao trecho de *A Relíquia*: «*Corri também à fonte, para não abandonar naquele ermo o precioso homem*». Este «*para não abandonar*» ter-se-ia podido traduzir por um decalque perfeito: «*pentru a nu abandona*» (para = *pentru*, não = *nu*, abandonar = *a abandona*, sinónimo – mais poético porque não neologismo, a *părăsi*); segundo as minhas próprias regras estilísticas, a tradução teria sido correctíssima, se fosse o autor a falar: «[Teodorico correu] *também à fonte, para não abandonar... o precioso homem*». Mas, como é uma personagem, o mesmo Teodorico, a falar na 1ª pessoa, preferi usar um modo pessoal, o Conjuntivo (construção menos literária, por conseguinte mais natural): «*ca să nu abandonez (părăsesc)...*» = «*para que [eu] não abandonasse...*».

Um traço específico do romeno – que, desta vez, permite uma perfeita aproximação do português, mais do que do francês ou inglês, por exemplo – é a correspondência das formas de tratamento pronominais nas duas línguas. Detive-me mais compridamente neste assunto num artiguinho destinado à revista «*Quieiosiana*»<sup>20</sup>. Hoje basta dizer que em romeno – como em português – há várias possibilidades de tratar o interlocutor: por *tu* (correspondente ao *tu* português), por *dumneata*, *Domnia-ta* e, mais matizado, *mata* (correspondentes ao *você* tal como se usa em Portugal), por *dumneavoastră*, *Domnia-voastră* (correspondentes a *O Senhor, A Senhora*). Estas formas permitem um jogo bastante subtil para indicar o estado real das relações entre as personagens e são também uma possibilidade de as individualizar. Como



O Primo Basilio.

em romeno – e o mesmo ocorre, muitas vezes, em português – sendo as formas verbais diferenciadas segundo as pessoas, não é preciso indicar o pronome pessoal sujeito do verbo (constituindo mesmo tal uso abusivo – sobretudo nas traduções do francês – uma marca de fraqueza da tradução); estas diferenças no tratamento indicam-se principalmente pela forma verbal.

Uma das dificuldades da tradução para romeno de textos queirosianos é o uso frequente de francesismos. Claro, o francês teve uma grande influência sobre o romeno também – e isso em várias épocas –, mas é diferente a percepção, por exemplo, de *chic* ou de *abat-jour* pelo leitor romeno, que já assimilou ambos estes vocábulos e não precisaria da ortografia francesa (em romeno escrevem-se, desde já o século passado, *șic* e *abajur*). Para a transposição dos francesismos não há pois receitas geralmente válidas: o tradutor tem de ter em conta o grau de assimilação do vocábulo francês numa e noutra língua, como também – coisa importantíssima – o facto de ser ou não o seu uso uma afectação denotativa da categoria social da personagem.

Outro problema que tem de defrontar o tradutor romeno, em cuja língua os substantivos se declinam com a ajuda de desinências, é o regime dos nomes próprios femininos. Em romeno, estes terminam geralmente em *-a*. Quando em português eles terminam também em *-a* – Maria, Ernestina, Adélia –, não há problemas na tradução. Mas no caso de nomes próprios femininos como Patrocínio ou Mary, em Genitivo ou Dativo, um tradutor escrupuloso teria de utilizar uma perífrase para não «estropiar» a língua. Em *A Relíquia*, por exemplo, «o embrulhinho da Mary» e «a camisinha de Mary» têm que traduzir-se entendendo o *de* não como uma preposição que introduz o Genitivo, mas

como uma preposição indicando a proveniência (caso no qual o nome próprio regente feminino não se declina por desinência em romeno). Para mais claridade, vou dar os seguintes exemplos: «o embrulhinho da Maria» (nome próprio feminino terminado em *-a*) traduz-se, sem problemas, pelo genitivo: «*pachețelul Mariei*»; mas «o embrulhinho da Mary» (nome próprio feminino não terminado em *-a*) tem de traduzir-se «*pachețelul de la Mary*» («o embrulhinho proveniente de Mary»). Infelizmente, há bastantes locutores e tradutores menos cuidadosos que, não podendo utilizar o Genitivo ou Dativo correcto com tais nomes próprias femininos, recorrem simplesmente à construção masculina desprovida de desinência («*pachețelul lui Mary*»), o que é também sinal de fraca tradução.

Cabe agora determo-nos um momento no leitor romeno de obras queirosianas, leitor que, apesar de impedimentos «geo-históricos», chegou a esgotar tiragens de 30 000 exemplares para *O Crime do Padre Amaro* e de 44 000 exemplares para *Os Maias*.

Entre os distantes e desconhecidos «amigos de Eça de Queirós» gostaria de destacar o advogado duma cidade de província que se divertia a fazer, para o seu próprio gosto, um «recorte» para uma telenovela sobre *Os Maias*; ou então a engenheira bucarestina que, sempre que se sentia cansada, mal humorada ou desiludida, lia um ou outro capítulo, também de *Os Maias*, que ela conservava à mão, como livro de cabeceira... Ou aquela jornalista que, 20 anos após a publicação de *Os Maias* em romeno, tinha ainda no olhar uma ternura especial ao ouvir falar do romance...

Estes leitores, não-especialistas, geralmente nada ou quase nada sabiam de Portugal, dos portugueses, da literatura e cultura portuguesas, e, como disse, só muito tarde

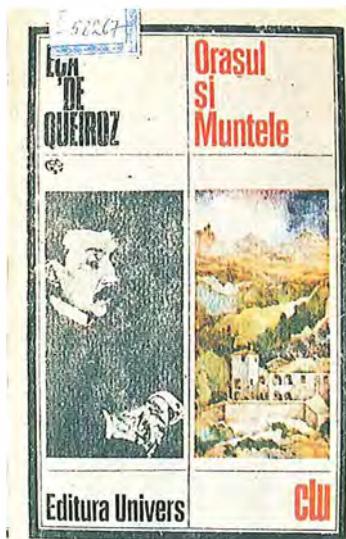
tiveram à disposição uma *História da literatura portuguesa* (tiragem, 3000 ex.) e, também, a *História da Arte Portuguesa* de Reynaldo dos Santos (tiragem, 10 000 ex.). Foi por isso que abracei sem hesitação nas minhas traduções o uso das notas de rodapé. Frequentemente tais notas são desaconselhadas em livros de ficção onde parece que contribuiriam para «*quebrar a ilusão, prejudicando a identificação do leitor com a obra*», segundo diz o meu ilustre confrade húngaro brasileiro, Paulo Rónai<sup>21</sup>. Claro que, se o leitor estivesse familiarizado com o ambiente cultural de Portugal, ele leria Eça de Queirós no original, e não precisaria de notas de rodapé, mas isso apenas sob condição de encontrar os livros na Roménia. À falta desta possibilidade, achei preferível inserir tais notas (que o leitor tem sempre a liberdade de não ler para não «*quebrar a ilusão!*»<sup>22</sup>); além das notas de conteúdo geográfico e urbanístico já mencionadas, expliquei, sacando os exemplos da minha tradução de *A Relíquia*: ordens e comendas (p. 18), jornais e revistas (p. 28), instituições, como a Misericórdia (p. 29), esclarecimentos linguísticos como *Raposo-Raposo* (p. 31), títulos de obras, como o *Eurico* (p. 247), bebidas e comidas, como *capilé* e *cozido* (p. 49), personalidades históricas ou culturais portuguesas, como Soares dos Passos (p. 79), alusões incompreensíveis para um estrangeiro, como «*o rio limpo*» para o Tejo (p. 180), etc. Raramente tratei nestas notas de coisas não-portuguesas, como o dantesco «*como cai um corpo morto*» (p. 89), ou «*toga pretexta*» e «*cadeira curul*» (p. 158).

Diz ainda Paulo Rónai, a propósito das possíveis intervenções do tradutor para corrigir erros tipográficos, eventuais trocas de palavras e confusões de nomes do original, que «*é preferível que o o tradutor se considere*

*o procurador do autor antes que o seu colaborador*»<sup>23</sup>. De acordo, no entanto quereria chamar a atenção para duas notas que considere oportuno inserir na minha edição de *O Primo Basílio*. Trata-se, primeiro, da famosa carta de Eça de Queirós a Teófilo Braga, datada de 12 de Março de 1878, sobre aquele romance, carta que citei no prefácio. Enumera Eça nesta carta as personagens do romance, primeiro as principais, isto é a «*senhora sentimental*», o «*amante*» e a «*criada, em revolta secreta com a sua condição*»; depois, as secundárias, pertencentes «*à sociedade que cerca estas personagens*» – quer dizer «*o formalismo oficial (Acácio), a beatice parva (D. Felicidade), a literaturazinha acéfala (Ernestinho), o descontentamento azedo e o tédio da profissão (Juliana)*». Ora, é óbvio que não se tratava da Juliana – já citada entre as personagens principais como «*a criada*» – mas de Julião. Na nota de rodapé chamei a atenção do leitor para a inadvertência<sup>24</sup>.

Outra inadvertência evidente de Eça de Queirós – que, tal como a precedente, não encontrei assinalada na literatura que tive à disposição – refere-se também a *O Primo Basílio*: o marido de Leopoldina, amiga de Luiza, chama-se, na página 18, *Noronha*, e na página 45, *Zagalhão*. Por outro lado, a partir da página 31, o apelido *Noronha* vai ser atribuído à D. Felicidade<sup>25</sup>.

Um problema romeno específico e doloroso que tinham que defrontar, não só os tradutores e editores, mas – acho eu – sobretudo os leitores, por serem privados, sem o saber, de muitas belíssimas páginas do texto original, era o problema da censura. Diversamente do que se passava em Portugal no período da ditadura, a censura operava na Roménia antes da publicação de qualquer texto. Todo o original tinha de receber, página por página, o carimbo da censura, chamada primeiro,



A Cidade e as Serras.

como instituição sobreposta às redacções ou editoras, a «Direcção da Imprensa»; depois de ter sido «oficialmente» abolida, a censura foi instalada no interior mesmo das redacções ou editoras respectivas, a pessoa encarregada da ignóbil tarefa respondendo com o seu emprego e mesmo com a própria liberdade pelo conteúdo de todo o texto publicado. Subreplicia e tacitamente, tecia-se então uma rede de cumplicidades entre o editor/censor, o tradutor e o leitor, para dar aos textos mais «perigosos» uma aparência das mais anódinas.

A intervenção da censura em *Os Maias*, por exemplo, ocupou-se com a eliminação de toda a passagem onde se tornava óbvia a consumação do incesto.

Eis, pois, alguns dos pensamentos que me inspirou a minha convivência – de 31 anos – com Eça de Queirós, na qualidade de tradutora romena. Um sonho meu – talvez realizável, dado que já não há censura e há, sim, editoras privadas – é proceder a uma reedição das traduções já publicadas (sem cortes, desta vez), acrescentadas também doutras.

«A maneira ideal de ler e absorver integralmente uma obra-prima é traduzi-la», diz Paulo Rónai<sup>26</sup>. A mim só me resta acrescentar, à guisa de conclusão, que, segundo a bonita definição de um colega meu<sup>27</sup>, considero-me «embaixadora plenipotenciária e dona do destino de Eça na Roménia», papéis que são não só uma grande honra para mim, mas impõem e supõem rigorosas obrigações.

<sup>1</sup> *O Defunto* («Spînzuratul»), Craiova, «Năzuința», 1924. (Trad. Alexandru Popescu-Telega).

<sup>2</sup> *O Tesouro* («Comoara»), Craiova, «Năzuința», 1926. (Trad. Alexandru Popescu-Telega).

<sup>3</sup> *O Mandarin* («Mandarinel»), Craiova, «Săptămâna», 1929. (Trad. incabada, Alexandru Popescu-Telega).

<sup>4</sup> *O Crime do Padre Amaro* («Crima părintelui Amaro»), Bucureste, Editura pentru literatură universală, 1968. (Trad. Micaela Ghițescu). Com Nota Introdutória anónima.

<sup>5</sup> *A Relíquia* («Relicva»), Bucureste, Editura Univers, 1972. Colecção «Clássicos da Literatura Universal» (Trad. Micaela Ghițescu). Com prefácio da tradutora.

<sup>6</sup> *Os Maias* («Familia Maia»), Bucureste, Editura Univers, 1978. Colecção «Clássicos da Literatura Universal» (Trad. Micaela Ghițescu). Com posfácio da tradutora.

<sup>7</sup> *O Primo Basílio* («Vărul Bazilio»), Bucureste, Editura Minerva, 1983. Colecção «Biblioteca para todos», 2 vol. (Trad. Micaela Ghițescu). Com prefácio e cronologia da tradutora.

<sup>8</sup> *A Cidade e as Serras* («Oraşul și muntele»), Bucureste, Editura Univers, 1987. Colecção «Clássicos da Literatura Universal». (Trad. Mioara Caragea). Com prefácio da tradutora.

<sup>9</sup> *O Defunto* («Defunctul»), no volume *O Homem das Fontes e Outros Contos Portugueses* («Omul fântânilor și alte povestiri portugheze»), Bucureste, Editura Universal Dalsi, 1999. (Trad. Micaela Ghițescu).

<sup>10</sup> Prefácio a Alves Redol, *Fanga*, traduzido do russo por Emil Fulda, Bucureste, Editura se stat pentru literatură și artă, 1952, p. 6.

<sup>11</sup> *Istoria literaturii portugheze*, București, Univers, 1979. (Trad. Ana Vădeanu).

<sup>12</sup> *Preliminarii la o istorie a literaturii portugheze*, București, Univers, 1979, Colecção «Ensaaios».

<sup>13</sup> Prefácio a: Eça de Queirós, *Vărul Bazilio*, București, Editura Minerva, 1983, p. XVII.

<sup>14</sup> «A Bem da Língua Portuguesa», Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Lisboa, ano XX, Agosto-Setembro de 1969, n<sup>os</sup> 8-9, p. 285.

<sup>15</sup> Nestor F. Ignat, *Eça de Queiroz: Relicva*, București, «Contemporarul», 20.10.1972

<sup>16</sup> Dan Grigorescu, *Un clasic portughez*, București, «Contemporarul», 9.2.1979.

<sup>17</sup> Roxana Eminescu, *Realismul ineluctabil*, în *op. cit.*, p. 147-173.

<sup>18</sup> *Op. cit.*, p. 225.

<sup>19</sup> Eça de Queirós, *A Relíquia*, Lisboa, Aillaud & Lellos, Lda., 1944, p. 273.

<sup>20</sup> Micaela Ghițescu, *Eça na Roménia*, «Queirosiana», Baião, no. 3, Dezembro 1992, p. 69.

<sup>21</sup> Paulo Rónai, *A Tradução Vivida*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 100.

<sup>22</sup> Tive a oportunidade de folhear a tradução francesa de *Os Maias* devida ao grande lusófilo e tradutor Paul Teyssier e verifiquei que ele utilizou quase as mesmas notas de rodapé que eu inseri na minha versão.

<sup>23</sup> Paulo Rónai, *op. cit.*, p. 98.

<sup>24</sup> Eça de Queirós, *op. cit.*, p. XV.

<sup>25</sup> As páginas correspondentes da versão original, publicada na Edição «Livros Brasil», Lisboa (Obras de Eça de Queirós), são 23, 49 e 36, respectivamente.

<sup>26</sup> Paulo Rónai, *op. cit.*, p. 171.

<sup>27</sup> Aurel Covaci, tradutor, entre outras, de *Os Lusíadas*, em versos rimados e ritmados.